

Apresentação Dossiê Culturas, currículo e formação: mediações interculturais contemporâneas

Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus

Eusébio A. P. Gwembe

Sílvia Michele Lopes Macedo

O dossiê intitulado “Culturas, currículo e formação: mediações interculturais contemporâneas” é uma experiência formacional nascida das práticas de trocas científicas e socioculturais de um conjunto expressivo de pesquisadores/as nos campos da Educação, da Cultura e da Diversidade. Desencadeia-se a partir das ações do Grupo de pesquisa CNPq- FORCCULT - Formação, Currículo e Cultura, sediado no CECULT/UFRB. Apresenta textos produzidos nos entrecruzamentos de sujeitos, culturas, experiências, viveres, saberes e ciências que se comunicam nos contextos e acontecimentos acadêmicos entre o nordeste brasileiro, Moçambique e Portugal.

É portanto, ele mesmo, um processo de entrecruzamentos e conexões que se dão, ao experimentarmos a formação, como um processo multívoco e pluridirecionado, no qual intervém e interferem nuances sociohistóricas, geo-políticas e culturais que ora se conjugam em fenômenos coletivos, ora se singularizam nas identidades dos sujeitos culturais. Essas mediações identitárias, em si mesmas, constroem o arcabouço que faz congregarem as interculturalidades contemporâneas, vividas como elementos de ampliação, transdução e tradução culturais.

No artigo “Mediação intercultural versus mediação clássica: a mediação como prática da Pedagogia Social”, a pesquisadora portuguesa Ana Maria Vieira apresenta a perspectiva de mediação intercultural como prática pedagógica social. Acolhendo as diferentes formas de pensar como condição humana, a autora compreende os conflitos e as tensões como fontes de riqueza, aprendizagem e transformação, sendo a mediação intercultural um paradigma de intervenção socioeducativa que qualifica a convivência entre diferentes. Em diálogo com Ricardo Vieira (2014), Ana Vieira destaca este argumento do mesmo sobre a potência da mediação intercultural: “A mediação intercultural, como

prática da Pedagogia Social, tal como é aqui assumida, posiciona-se numa perspectiva preventiva, educadora, construtora de terceiros lugares e de terceiras culturas, essa interculturalidade, mas, também, de transformação das relações sociais com vista à construção de sociedades e de selfies mais interculturais”.

Na entrevista inédita concedida para este dossiê, o Prof. Ricardo Vieira, pesquisador do Instituto Politécnico de Leiria - CIS-NOVA, apresenta como surgiu no contexto português a prática da mediação sociocultural e o próprio conceito de mediação, tomando como referência os campos da Educação e da Antropologia da Educação. Vieira destaca a importância do paradigma da mediação intercultural, e como ela colabora com a capacitação de pessoas, grupos e comunidades, como um trabalho educativo, portanto pedagógico, que promove reflexões, diálogos e encontros com o outro, com as diferenças. Na entrevista, Vieira salienta a sua compreensão da escola como um lugar de encontros e desencontros, como um lugar em que as diferenças se colocam. Este lócus implica trabalhos de negociação, de mediação sociopedagógica, de mediação intercultural. De acordo com o antropólogo, o grande desafio é aprender a viver juntos. “Conviver é viver com os outros, o que nem sempre é fácil. Contudo, ‘aprender a viver juntos’ é hoje um dito que, felizmente, começa a entrar no vocabulário de muita gente”, diz Ricardo Vieira.

No texto “Compreender a experiência cultural em cenários mediados pelo formacional”, o pesquisador brasileiro Roberto Sidnei Macedo, uma referência no campo dos estudos sobre Currículo e Formação, toma a experiência de uma perspectiva cultural, como pauta estruturante e propositiva de mediações formacionais e processos formativos. Observando a experiência cultural no cenário educacional contemporâneo, o autor salienta a sua potência para a produção de aprendizagens singulares, relacionais, mutualistas. Neste artigo, Macedo argumenta sobre o valor epistemológico e ontológico da experiência, apresentando a experiência cultural na educação como uma pauta política, afirmativa, compreendendo a própria formação como experiência cultural. Para Macedo, é fundante “apreender a compreender de forma situada e profundamente a experiência cultural no/do currículo e da formação, para entrar no mérito de como atos de currículo e processos formativos se constituem interativamente no cotidiano das suas elaborações”.

Denise Guerra e Ana Verena Madeira, professoras pesquisadoras dos contextos de formação, no artigo “Uma reflexão sobre o perfil do aluno UFBA no contexto formacional do Ateliê Didático” apresentam as compreensões de uma etnopesquisa de cunho experiencial que está sendo desenvolvida no Ateliê Didático, uma formação pedagógica para os professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como dispositivo central o diário formacional online. Nesta etnopesquisa, as narrativas experienciais dos docentes sobre a aula “Perfil e questões do estudante UFBA” são colocadas em destaque. A política de assistência estudantil da UFBA, as compreensões dos docentes sobre as ações estudantis, as ações afirmativas e as diferenças no âmbito universitário são temas acolhidos nas narrativas contempladas e nos argumentos do texto. Segundo as autoras, “a formação desenvolvida no Ateliê Didático consiste no compartilhamento dos dilemas da prática docente, na atualização

didático-pedagógica e em reflexões propositivas sobre a docência com ressonâncias que podem alterar o processo ensino-aprendizagem".

Em uma proposta intrigante de associação de aspectos da cultura afro-brasileira e esforços humanitários em prol da promoção da cultura de paz, no texto intitulado "A capoeira como analogia para a cultura de paz", de autoria de Feizi Masrour Milani, o autor apresenta a construção de uma cultura de paz como algo que requer o engajamento de todos os setores, instituições e grupos que compõem a sociedade. Atividades esportivas, artísticas, culturais e lúdicas podem se constituir em espaços educativos nos quais os valores da paz são cultivados. O presente artigo oferece elementos discursivos que buscam reconhecer as interfaces e semelhanças entre a capoeira e a cultura de paz, a partir do questionamento: de que forma as experiências vivenciadas em uma roda de capoeira podem servir de analogia e inspiração para as atitudes, qualidades e comportamentos que geram a paz? Tal questionamento, impulsiona a pensar sobre os laços e interfaces entre os mecanismos culturais e suas utilizações como meios viáveis para integração sociocultural e a superação dos preconceitos geradores das fraturas sociais vinculadas aos pertencimentos identitários dos sujeitos.

Arlindo Nkadibuala, professor moçambicano com formação acadêmica brasileira, em seu texto "A imposição da territorialidade portuguesa no planalto dos Makonde, em Moçambique", nos apresenta um cenário tenso no qual as questões de raça, cultura e identidade que levaram à territorialização do planalto dos makonde em Moçambique são abordadas como algo relacionado à dominação jurídico-política sobre um território, devido à presença do poder como estratégia de indivíduos ou grupos sociais para influenciar ou controlar pessoas, recursos, fenômenos e relações, delimitando e efetivando o controle sobre uma área específica, como os Makonde do planalto. Abordar a territorialização, um conceito biogeográfico com diferentes significados em diferentes escolas teóricas de Antropologia, Biologia, Geografia, História, nos remete às discussões mais amplas sobre colonialidade, autonomia dos povos e culturas, trazendo para o debate a territorialização como um conceito relacionado às formas de organização e reorganização social nas relações com o espaço e suas pessoas, um necessário enfoque quando nos interessamos sobre cultura-identidade-contextos contemporâneos na interculturalidade.

"A formação inicial do/a biólogo/a: articulação da disciplina Biologia Celular com a Lei N o 10.639/2003 ofertada ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba"; este é o interesse do Prof. José Antonio Novais. No artigo, o autor apresenta a contribuição da Biologia Celular para o desenvolvimento de um processo de ensino/aprendizagem decolonial e que apresente de forma positiva a gente negra. Através da perspectiva da decolonialidade, o/a educador/a poderá realizar o giro epistêmico desaprendendo para voltar a aprender, e assim eliminar vácuos que, por desventura, tenham ficado em sua formação inicial. O texto demonstra como alternativas de enfoques culturalistas e etnorreferenciados podem ajudar à implementação da Lei N o 10.639/2003, além de concorrerem para a formação inicial dos/as acadêmicos/as e para que estes/as tenham um substrato inicial de modo que, no futuro, já no papel de profissionais ensinantes, atuem em sala de aula de forma decolonial e inclusiva.

Gabriel Fermeiro, pesquisador moçambicano, enfoca em seu texto o "Papel das canções revolucionárias na formação da consciência patriótica nas forças armadas de Moçambique (1964- 1990)" como a canção contribuiu no despertar e na formação da consciência patriótica dos combatentes e do povo, durante e depois da Luta Armada de Libertação Nacional, até ao ano de 1990. Trata-se de um trabalho resultante da pesquisa bibliográfica, em que se busca entender como as canções foram usadas pelos e para os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique e, posteriormente, pelos militares das Forças Armadas de Moçambique. Conclui-se que as canções revolucionárias foram usadas e adaptadas em função das épocas históricas para: 1. valorizar a resistência heroica do povo moçambicano contra o colonialismo, servindo de inspiração e encorajamento aos guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique e, mais tarde, como denúncia às agressões dos regimes minoritários a Moçambique; 2. encorajar o povo e os militares para o cumprimento dos deveres de defesa da pátria e de solidariedade para com os povos oprimidos da África Austral e do mundo inteiro, tendo sido os comissários políticos os principais responsáveis pela dinamização da produção e difusão das canções revolucionárias. Este é um aspecto muito intrigante do papel da cultura popular na definição de um *ethos* e de uma visão de convívio edificado a partir das identificações sociais do povo.

O conjunto de reflexões, abordagens e experiências reunidos neste dossiê tem um condão ainda mais vasto que a riqueza de suas observações e resultados, e está no fato de ser uma iniciativa concreta de reunir pesquisadoras/es e professoras/as que, estando em grupos de pesquisa, salas de aula, universidades situadas na América do Sul, no continente Africano e na Europa, estabelecem e identificam as nuances e os desafios postos para a formação e transformação cultural contemporânea. E fazem isto no intento de ampliar os fluxos comunicacionais, as experiências da transculturalidade, da mediação e da formação para o convívio e o bem viver entre diferentes e entre iguais. Esse é o tempo de reunir nas encruzilhadas.